

Mostra de ALEX FLEMMING propõe reflexões sobre o solo brasileiro



No ano em que o Brasil completa 200 anos de independência, o artista propõe uma reflexão sobre a utilização das riquezas naturais do país. A obras estão expostas na Biblioteca Mário de Andrade (SP), até dia 28



Foto: Henrique Luz

A mostra exalta a riqueza e a beleza geradas em nosso solo e traz um convite à reflexão sobre sua utilização: *“Minha proposta, com essas obras, é discutir as riquezas do Brasil, a forma de extração e a sua má distribuição. Desde a nossa colonização, o extrativismo gera fortunas que vão para os bolsos de uma minoria, escancarando a desigualdade da população”*, afirma Flemming.

Uma série de 23 chapas de madeira, recortadas no formato do mapa do Brasil, constituem a exposição *ALEX FLEMMING: O Mapa da Mina*. A Oxigênio Revista reproduz o texto curatorial.

O MAPA DA MINA, por Lucas Tolotti*

Alex Flemming nunca se furtou de pensar no Brasil em seus mais diversos aspectos e contradições. Artista cosmopolita, itinerante, tem em seu país de origem o alicerce de sua produção, que se manifesta envolvente e calorosa.

A série *O Mapa da Mina* retrata o Brasil que deveríamos – ou desejaríamos – ser: um país que mereça ser exaltado em toda sua diversidade. Sobre uma base de madeira no formato do mapa do Brasil, pedras preciosas – ametistas, peridot, opalas, citrinos, topázios,

entre outras – são imersas em tinta acrílica, compondo uma cartografia visual que sustenta uma profunda potência estética e política.

Série apresentada pela primeira vez em 2010 no Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, *O Mapa da Mina* carrega, em 2022, mais de uma década de acentuadas transformações em solo brasileiro, onde a intolerância, o desrespeito e o amargor hoje encontram morada.

Como uma obra aberta, seu apelo estético cria uma relação de questionamento e identificação:

O que está contido neste mapa?

O que pode ser recuperado?

O que há de precioso?

Os mapas, para além de representações gráficas de fronteiras, relevos, oceanos, dentre outros atributos observáveis, estabelecem uma relação muito forte com a imaginação e a possibilidade. Quantos foram criados, ao longo dos séculos, trazendo informações fantasiosas e lugares existentes apenas na imaginação ou, ainda, distorcendo e distendendo o tecido do real?

Importante ressaltar também a carga simbólica de pertencimento e deslocamento que os mapas fazem emergir, o que sem dúvida dialoga muito com Alex Flemming

– artista que divide seu tempo entre o Brasil, país de origem, e a Alemanha.

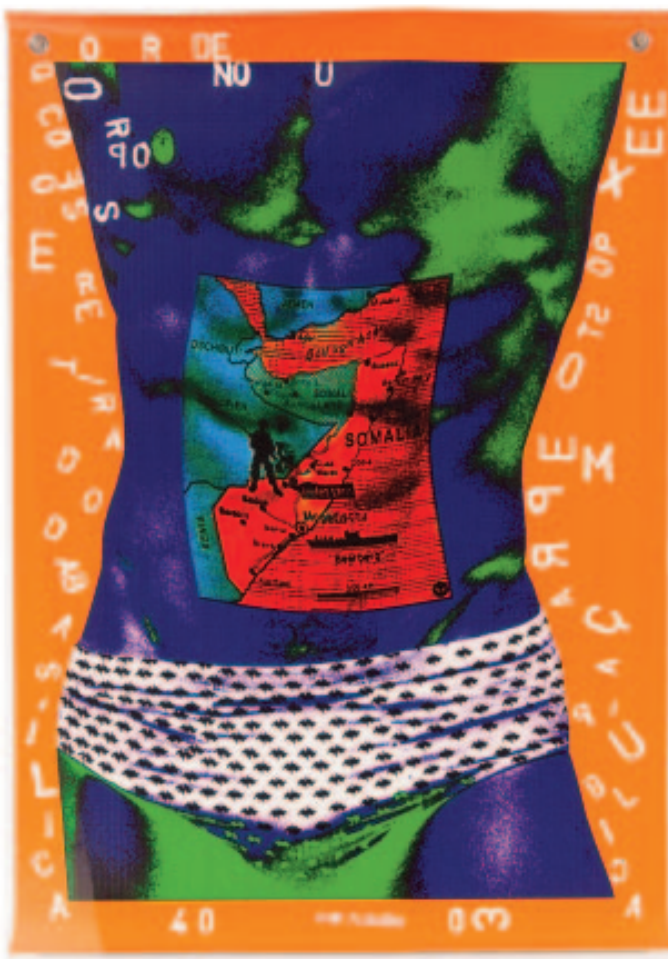
A temática de nos mapas permeia a produção artística de Flemming desde 1982, com a série *A Guerra Incompreensível*. Materializando a ideia de que não há sentido no confronto, são apresentadas reportagens relacionadas à Guerra das Malvinas.

Retiradas de jornais em línguas estrangeiras diferentes do português falado pelo artista e do inglês e espanhol dos combatentes, provocam ruídos na compreensão dos fatos. A guerra é deslocada de seu ambiente, sendo metáfora para os vários conflitos – incompreensíveis, contraditórios, anacrônicos – que ocorrem ao redor do mundo.



Alex Flemming, *A Guerra Incompreensível*. in “Alex Flemming e o corpo: *Bodybuilders*”, Lucas Procópio de Oliveira Tolotti / Reprodução

Na virada do século, com *Bodybuilders*, Flemming re-toma os mapas dispendo-os sobre corpos masculinos musculosos. Países e suas fronteiras, sobrepostos ao corpo humano, evidenciam os contrastes motivados por guerras em países que possuem um passado histórico de invasão e estabelecimento colonial.



Alex Flemming, *Somália*. in “*Alex Flemming e o corpo: Bodybuilders*”, Lucas Procópio de Oliveira Tolotti Reprodução

Se há, nos exemplos acima, uma tensão e potencial destruição estabelecidas pelos conflitos, não podemos

deixar de identificar a marca da beleza que se instaura nas cores e nos corpos, trabalhando uma dualidade marcante em Alex Flemming: ainda que haja dor, a arte há de ser bela.

Quando, pois, chegamos aos mapas aqui presentes, 200 anos após a independência do Brasil, são indis-cutíveis a dor, a injustiça, a miséria.

Os próprios minerais carregam questões que devem ser observadas, como a desigualdade e a extração pre-datória. Ao mesmo tempo, pulsam as preciosidades e vibram as cores dentro de nossas fronteiras. Para além de um mero ufanismo ou otimismo, o que se identifica nesta proposição de Flemming – e o tesouro a ser, encontrado pelo mapa da mina – é um olhar para nós mesmos enquanto brasileiros, como um acalento: podemos ser melhores do que somos hoje. Somos preciosos. E iremos recuperar este brilho.

Não passa despercebido o diálogo de *O Mapa da Mina* com a série *Biblioteca* (obra de 2016 – 16 retratos em vidro colorido que fazem parte da Biblioteca Mário de Andrade). O retrato de uma população brasileira diversa ecoa pelos vidros, faces e corpos vibram como pedras preciosas. Esta relação só prova a multiplicidade de Alex Flemming, coerente em suas temáticas e um explorador ímpar das pluralidades e potencialidades plásticas.

* Lucas Tolotti é graduado em Comunicação Social, mestre e doutorando em Artes. Professor da ESPM Escola Superior de Propaganda e Marketing



Foto: Henrique Luz

O ARTISTA

Flemming é um artista multimídia que transita pela pintura, gravura, instalação, desenho, colagem, escultura, fotografia e objetos, com foco na *"pintura sobre superfícies não tradicionais"*, como ele próprio revela.

Foi professor da *Kunstakademie* de Oslo, na Noruega, entre 1993 e 1994 e em 1998 produz sua obra pública de maior impacto, na estação Sumaré do Metrô em São Paulo, com 44 retratos em vidro recobertos por poesia.

Em 2016 inaugura mais 16 retratos em vidro colorido na Biblioteca Mário de Andrade, também em São Paulo.

SERVIÇO

Alex Flemming – O Mapa da Mina

Até 28 de agosto

Local: Biblioteca Mário de Andrade

Rua da Consolação, 94, República, São Paulo/SP

Horário: das 11h às 18h

Entrada Gratuita